
DA LITERATURA COMO CATÁSTROFE

BRUN, Annie Le. *O sentimento da catástrofe: entre o real e o imaginário*. Tradução: Fábio Ferreira de Almeida. São Paulo: Iluminuras, 2016. [Apresentação: Eliane Robert Moraes]

Liliana Patricia Marlés Valencia⁸⁹

Luciano de Jesus Gonçalves⁹⁰

Trata-se da primeira obra da ensaísta francesa Annie Le Brun a que o leitor tem acesso em língua portuguesa. A poeta tem sido reconhecida pelos seus agudos estudos sobre escritores como Donatien Alphonse François de Sade, o Marquês de Sade, Alfred Jarry, Michel Leiris, entre outros, que compõem a extensa obra traduzida em diversas línguas. A ausência total do pensamento de Le Brun no mercado editorial brasileiro está, de fato, suprida pela iniciativa dos professores doutores Eliane Robert Moraes (Universidade de São Paulo), que assina a apresentação do livro (MORAES, 2016); e, Fábio Ferreira de Almeida (da Universidade Federal de Goiás), que apresenta o posfácio (ALMEIDA, 2016), além de figurar como tradutor, do volume.

Para um ensaio curto, de pouco mais de sessenta páginas corridas, é notável, logo no início da construção, o pequeno preâmbulo que a autora realiza, em duas páginas, para expor as motivações da retomada deste que, já na década de 1960, lhe era um assunto caro. Reside no sentimento de atual banalização da catástrofe a principal delas.

Em uma alegoria da motivação, Le Brun explica que demorou mais de duas décadas para retomar a reflexão sobre a catástrofe, agora, sob uma perspectiva *depravada*, quer dizer, numa perspectiva que enxerga as coisas onde elas não estão, no exercício do pensamento na imaginação. Paralelamente, há o desejo e a defesa de uma noção específica para a palavra

⁸⁹ Doutora em Letras em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Universidade de São Paulo - USP. E-mail: lilianamarles@hotmail.com

⁹⁰ Doutorando em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo - USP. E-mail: lj_goncalves@hotmail.com

“catástrofe”. Essa concepção irá se opor àquela apresentada pela “teoria das catástrofes –teoria do dinamismo universal-”, responsável pela banalização já citada. Na medida em que a dita teoria retira o valor excepcional da catástrofe, dá passo à neutralização da potência do termo.

A motivação externa foi detonada por uma frase da própria Le Brun, lembrada por Pierre Yves Sovey. A passagem, da década de 1980, compunha o ensaio *Appel D’Aire*. Além das razões internas, afirma a ensaísta, a retomada do tema, a partir daí, constituía-se de motivações internas.

Eis que surge, então, nas imagens das ideias dormentes, a figura bela, curiosa e aterradora do vulcão inativo. Essa figura abissal rondará o ensaio em sua grandeza, fascínio, potência e mistério.

E o que o ensaio de Le Brun parece negar é mesmo essa visão, mais que banalizada, naturalizada da palavra catástrofe. O posicionamento contrário a esse ponto de vista expande a ideia daquilo que é catastrófico (real, imaginário, econômico, político, natural).

Mais do que o evento catastrófico em si, perigosa mesmo é a falseada proximidade com a catástrofe. Nesse ponto, essa noção se desvincula do excesso e escapa do imaginário.

O resultado da confusão semântica era o de garantir sentidos cristalizados desde a Antiguidade, sedimentados por Rabelais, no século 16, tais como “transtorno” e “drama”. Esse sentido mortal da palavra perdurará até o século 18, quando o verbete começa a ser visto, paradoxalmente, como noção-chave para a evolução. O exemplo máximo dessa discussão seria a atenção dispensada ao Dilúvio, por exemplo.

1. CATÁSTROFE TRÁGICA VERSUS CATÁSTROFE FUNDADORA

De qualquer forma, “[...] não há catástrofe que não quebre a continuidade e modifique radicalmente nossa relação com o tempo” (LE BRUN, 2016, p. 45). Em meio a esse processo, a alteração com relação ao espaço também é fato. Sendo ela qual for, muda a percepção do homem, formado por desmesura e pelo desconhecimento de si.

Obviamente, não há no ensaio uma defesa programática por uma apropriação de práticas cataclísmicas. Isso porque, “[...] imaginada ou real, a catástrofe possui a força prodigiosa de surgir como a objetivação daquilo que nos excede” (LE BRUN, 2016, p. 46).

Para definir essa “[...] primeira figuração na fenda do imaginário no mais profundo de nós” (LE BRUN, 2016, p. 46), a autora recorre ao sentimento infantil no qual reside a vontade de destruir para, em seguida, reconstruir. Daí o paradoxo.

É nesse momento que a argumentação se aproxima do terremoto de Lisboa, em 1756, evento que ceifou a vida de mais de vinte mil pessoas. Como marco do fim da concepção religiosa de catástrofe, o terremoto veio para estremecer todas as certezas: Deus, a natureza e os homens eram diferentes de tudo que tinha se pensado sobre eles.

Nenhum sistema nem doutrina conseguiram evocar o que tinha acontecido. E o repertório arrolado para questionar a Providência é composto por cientistas e filósofos, Leibniz, Pope, Wolf, Voltaire, Rousseau, Kant Paul Hazard etc, linhagem que será definida como pensamento negativo da qual, segundo Moraes (2016, p. 14), a própria Le Brun acaba por fazer parte.

Em suma, tal desastre “[...] é, antes de tudo, a catástrofe que rompe o acordo extraordinário [...] entre filósofos, moralistas, religiosos e poetas em defesa do otimismo, reunindo todos em torno de uma visão de mundo tão moderadora quanto racionalizante” (LE BRUN, 2016, p. 48). Essa hecatombe põe fim às tentativas de pacificação do pensamento que, agora, viram-se desprovidas tanto da noção da Providência quanto do sonho da razão

Muito sintomático de toda essa época é o fascínio por cidades como Herculano e Pompeia, encobertas por catástrofes ao longo de suas histórias. Registrara-se, por tanto, uma mudança da sensibilidade que ia abatendo o paradigma próprio da época das Luzes. A única certeza que iria persistir é a da violência que homem e natureza compartilham.

O momento, então, traz para a cena o fascínio pela “ruína”. Isso porque o resultado da catástrofe é a devastação. Mesmo assim, cabe se perguntar, junto com a autora, por aquela tendência na qual a inquietação pela devastação se impõe ao cuidado pelo desastre.

Já estamos pouco depois da primeira metade do ensaio de Le Brun e, agora, outra cartada será dada rumo às definições das catástrofes imaginárias. É a lembrança de Sade a responsável por essa aproximação. Com o libertino Marquês, o sentimento da catástrofe é formulado na fulgência erótica.

É no contemporâneo do evento que modificou a percepção dos homens e de Deus, a partir da derrocada, inundação e pilhagem da Lisboa católica, que extraíremos mais percepções para o cataclisma. Novamente, a figura do vulcão não abandonará o raio da reflexão.

Não por acaso, Le Brun lembra a célebre personagem sadiana, Justine, e seu desejo por ser vulcão. Tal relação, também, não é ignorada por Moraes em sua apresentação.

2. EXCESSO DE IMAGINÁRIO?

O excesso de imaginário repercutirá em uma série de obras artísticas que vão evocar, a partir das ruínas de Lisboa, a catástrofe em estado puro, livre de referências religiosas, superada a inclinação europeia de se atribuir lugar preeminente ao princípio do mal. E, mais uma vez, o acirramento dos estudos da vulcanologia se dá nesse momento.

Apresentando uma concepção própria para a Poesia, como algo não, estritamente, literário, a autora estabelece aí uma relação do poético com o sentimento da catástrofe. Para Le Brun, “[...]a verdadeira poesia [...] consistiria em sacudir os bosques adormecidos de uma paisagem cuja grande perspectiva erótica se tenta o tempo todo camuflar” (LE BRUN, 2016, p. 54).

Em outro momento, a autora irá categorizar, “[...] a poesia é a catástrofe que cria sentidos” (LE BRUN, 2016, p. 83). Nada mais justo para se dizer da produção poética na era das banalizações. Na era em que os imaginários, esvaziados das possibilidades que o excesso da catástrofe oferecia, restringem-se à simulação verossímil da tragédia abissal, numa familiarização que leva a sua negação. Uma ação de domesticação da catástrofe que dessencadeia, nas palavras de Le Brun, a censura progressiva do sentimento que ela bafejava.

A disposição contemporânea predominante teima numa escalada de displicência e neutralização da catástrofe que passa a depender só da vontade humana. Resta, pois, à literatura a tarefa de restituir o diálogo com aquilo de inhumano que, por nos ultrapassar, nos devolve a medida da nossa humanidade.

Se o sentimento da catástrofe guarda uma relação com Sade, tal sentimento se aproximará, agora, quase que automaticamente, do imaginário, de modo geral, e da literatura erótica de modo específico. Tal relação, nada evidente no início do ensaio, parece agora óbvia. Correndo o risco de instrumentalizar demais o pensamento da autora, cabe-nos a pergunta: é possível pensar a produção do imaginário (da Literatura ou Poesia, do erótico) deixando de lado esse sentimento?

Talvez a resposta positiva a esse questionamento seja, por si só, uma catástrofe epistemológica, para não perdemos a entrada semântica, mas as considerações das reflexões de Le Brun iluminariam, sim, tais discussões. Daí a certeza de que o alcance do ensaio pode ser múltiplo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fábio Ferreira. A “perspectiva depravada” de Annie Le Brun. In: BRUN, Annie Le. *O sentimento da catástrofe: entre o real e o imaginário*. Tradução: Fábio Ferreira de Almeida. São Paulo: Iluminuras, 2016, p. 85-92. [Prefácio]

MORAES, Eliane Robert. Do infinito como ponto de vista. In: BRUN, Annie Le. *O sentimento da catástrofe: entre o real e o imaginário*. Tradução: Fábio Ferreira de Almeida. São Paulo: Iluminuras, 2016, p. 9-19. [Apresentação]

Recebido em 15/08/2018.

Aceito em 16/10/2018.